

# O Neoconcretismo faz 25 anos

Lewy Moraes

**ALFREDO RIBEIRO**

Repórter da Sucursal do Rio

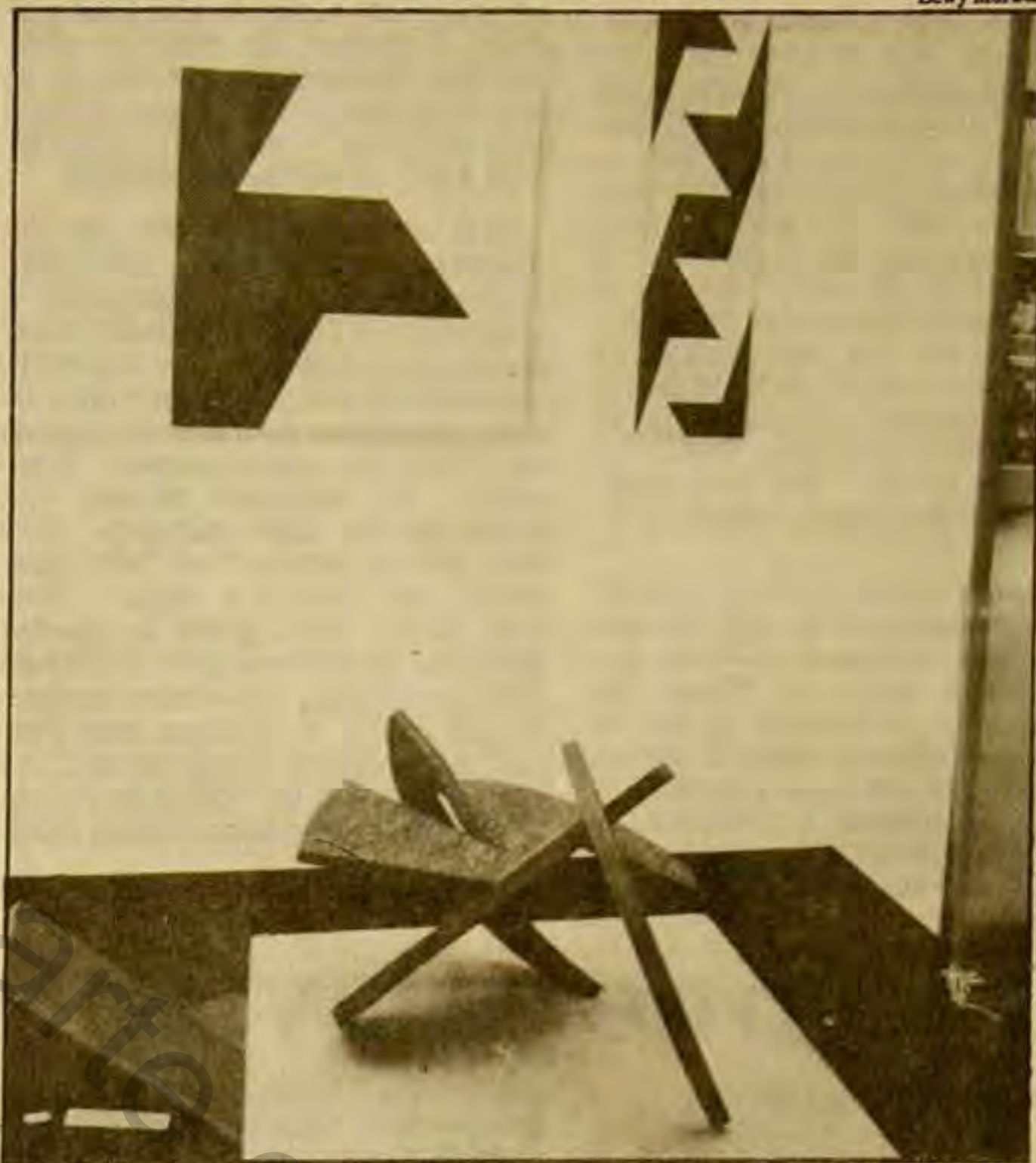
A história da arte do Rio de Janeiro começa a ser resgatada hoje, com a inauguração da mostra "Neoconcretismo/1959-1961" — a primeira exposição de um ciclo programado pela galeria de arte Banerj, em Copacabana. O objetivo inicial é estimular o interesse de críticos, historiadores e instituições culturais para o estudo do Neoconcretismo, movimento de um grupo de artistas plásticos e poetas cariocas que há 25 anos lançou o Manifesto Neoconcreto, assumindo posições que levaram ao "deslimite" as experiências da vanguarda concretista de São Paulo.

"O Neoconcretismo é, com toda a certeza, o movimento cultural mais significativo depois da Semana de Arte Moderna de 1922, e suas raízes têm repercutido profundamente no desenvolvimento das artes no Brasil", afirma o crítico e coordenador cultural da galeria de arte Banerj, Frederico Moraes, que reuniu para a exposição de hoje 46 obras, entre pinturas, esculturas, relevos espaciais, objetos, não-objetos verbais (poesia) e livros, de Hércules Barsotti, Aluísio Carvão, Amílcar de Castro, Willys de Castro, Lygia Clark, Hélio Oiticica, Lygia Pape, Décio Vieira, Franz Weissmann, Osmar Dillon, Carlos Fernando Frottes de Almeida, Ferreira Gullar, Reynaldo Jardim e Theon Spanudis.

A inauguração da mostra marcará, também, o reencontro de muitos dos artistas que lideraram o movimento, que, em síntese, representava uma crítica ao otimismo racionalista e à euforia desenvolvimentista do grupo paulista. "Enquanto os concretistas desenvolviam uma arte de exportação, nós colocávamos questões que se anteciparam aos caminhos que, no futuro, seriam descobertos pelas vanguardas européias e norte-americanas", afirma o poeta Ferreira Gullar, principal teórico do movimento.

As antigas divergências com os concretistas explodiram na tomada de posição expressa no Manifesto Neoconcreto, uma verdadeira revolução de formas e gêneros que subvertia o espaço bidimensional da pintura, criava formas abertas à participação do espectador e rompia os limites que separavam a pintura, a escultura e a poesia. "O Neoconcretismo foi um movimento de resistência ao colonialismo cultural, uma tentativa de busca da identidade brasileira", comenta Gullar.

"Enquanto o Concretismo expressava, sobretudo, uma reflexão intelectual" — acrescenta Frederico



Escultura de Amílcar de Castro e trabalhos de Lygia Clark

Moraes — "o Neoconcretismo era uma coisa viva, capaz de se impregnar pelo seu criado". Usando de figuras de metáfora, Moraes comenta que "o Concretismo está para a máquina, assim como o Neoconcretismo está para o corpo".

"A repercussão do Neoconcretismo no desenvolvimento da arte brasileira nas últimas décadas" — acrescenta o crítico — "continua intensa e tem marcado a produção das novas gerações". Segundo Frederico Moraes, afóra a produção específica no campo plástico, o movimento revolucionou a poesia e o balé, "deixando ainda profundas influências no Tropicalismo, através de Hélio Oiticica, que foi uma espécie de ponte entre o Neoconcretismo e as novas gerações".

Com esta exposição o público poderá ver de perto alguns dos "clássicos" do Neoconcretismo, como o "Livro da Criação", de Lygia Pape, o "Cubocor", de Aluísio Carvão, os "Objetos Ativos", de Willys de Castro, os relevos espaciais de Hélio Oiticica e as superfícies moduladas de Lygia Clark. A exposição inclui, também, farta documentação textual, como o manifesto de fundação do movimento e a "Teoria do Não-Objeto", redigidos por Ferreira

Gullar, e depoimentos dos artistas neoconcretos.

## A vanguarda no Brasil

Frederico Moraes ainda afirma que "o Neoconcretismo foi o último esforço de uma atuação sistemática da vanguarda no Brasil", e relembra que, naquela época (1959/61), "a liberdade e a pluralidade de opiniões estimulavam os artistas a pensar o Brasil e a América Latina como um todo. Não vejo hoje uma relação mais próxima entre o artista e a crítica, que absorveu o autoritarismo da década de 70".

Coincidência ou não, o que o crítico classifica como "o último esforço de uma atuação sistemática da vanguarda no país" se deu na derradeira brecha da vida democrática no País. "É difícil confirmar ou negar a relação entre uma coisa e outra" — comenta Gullar — "mas a verdade é que naquela época não se colocava nenhuma restrição à criação. O Neoconcretismo surgiu em condições históricas específicas e se arrefeceu à medida em que se intensificaram as lutas pelas reformas no governo João Goulart. Mas não há dúvida que a anormalidade institucional instaurada no País pela ditadura militar reprimiu e restringiu a liberdade de criação" — conclui.